

Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta

**Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira, Raquel Gomes Pinto
e Alessandra da Silva Souza**
Universidade de Brasília.

Resumo

O presente trabalho buscou investigar as perspectivas de futuro de adolescentes de diferentes inserções sociais da cidade de Brasília. Participaram dessa pesquisa 48 adolescentes matriculados no terceiro ano do ensino médio de 4 escolas do Distrito Federal. Foi construído um instrumento composto por 36 proposições com uma escala Likert de três pontos que abrangiam seis eixos temáticos: sentimentos e concepções em relação ao futuro; ingresso na universidade; relacionamentos afetivos; emprego, profissão e carreira; situação brasileira e tendências atuais; diferenças escola/universidade e escola/trabalho. Após cada proposição, um espaço foi destinado para comentários. A análise comparativa do posicionamento dos participantes em relação aos diferentes eixos temáticos evidencia que havia, no momento da investigação, níveis semelhantes de preocupação com a carreira universitária e profissional e que eles, independentemente do gênero e do contexto institucional, têm perspectivas mais positivas em relação à continuidade dos estudos que em relação à transição ao mundo do trabalho.

Palavras chave: adolescentes, ensino médio, gênero, universidade, trabalho.

Perspectives of future among adolescents: College, work and relationships in the transition to adulthood

Abstract

The present study investigated perspectives about future life among adolescents of different social and geographical contexts in Brasilia (Brazil). The participants of the study were 48 adolescents studying at the last term of high school in 4 different schools of Brasilia. The instrument developed for the study was a three-point Lickert scale composed of 36 propositions divided according to 6 axes: feelings and conceptions regard future life; transition to college/University; affective transactions; job, profession and career; Brazilian contemporary scenery and economic perspectives; differences among school, college and professional activities. For each proposition there was a line reserved for comments. Comparative analysis of the perspectives of participants - considering the axes under investigation - showed similar concerns in relation to college and to professional life. They also showed that, no matter the institutional context or gender considered, participants had better perspectives about the continuation of their schooling than of their transition to work and to a productive life.

Key words: adolescence; high school; gender; college; work.

Trabalho apresentado como Painel na XXXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Belo Horizonte, MG, outubro de 2003.

Agradecemos às instituições que gentilmente nos cederam espaço para a coleta dos dados, a Antônio Mário Lúcio de Oliveira Jr., pela sua participação na primeira fase da pesquisa e a Hugo Máykeo Sá Fonsêca, pelo seu auxílio técnico. Endereço para correspondência: SQSW 504 – Bloco G – Apto. 512, Sudoeste. Brasília, DF – 70673-507 –E-mail: claudia@unb.br; mcsoliveira@terra.com.br

A adolescência é uma construção social que nos dias de hoje corresponde ao conjunto das experiências entre a infância e a idade adulta, em que uma seqüência de transformações biopsicossociais se processa, com significados distintos conforme o contexto sociocultural considerado.

A vivência da adolescência envolve o sujeito em descobertas, anseios, escolhas e desafios, e têm como conseqüência marcante sua reestruturação psíquica, bem como a mudança de seu papel na sociedade (Erikson, 1987; Cole e Cole, 2003; Santrock, 2003).

O adolescente se encontra num processo de conquista de autonomia e para ele o futuro se coloca como uma interrogação. O presente é objeto de constante questionamento, enquanto seus investimentos subjetivos são potencialmente capitalizados para o futuro. O adolescente vive no campo das virtualidades, o que o move à reflexão acerca do que pode vir a ser, buscando integrar suas experiências passadas, desenvolvendo a consciência de ser autor de seu próprio destino (Cárdenas, 2000).

Autores como Levisky (1995), Quapper (2001) e Lopes de Oliveira (2004) ressaltam que, na contemporaneidade, a conquista de um lugar no mundo social adulto depende de processos de crescente complexidade, tornando a fase de adolescência mais prolongada e, ao que parece, mais penosa. Inexiste um único ritual de passagem. São necessários vários pequenos rituais, em diferentes setores da vida psicológica, familiar e comunitária para se alcançar o status de adulto socialmente integrado. Em especial, nos contextos urbanos, e conforme o grupo social e a individualidade do adolescente, esses rituais podem envolver: o primeiro amor romântico, o(a) primeiro(a) namorado(a), a iniciação sexual, a conclusão do ensino regular; o primeiro ato de transgressão, o vestibular, o primeiro emprego, o casamento, o alcance do sucesso profissional, o nascimento do primeiro filho, enfim, um conjunto de processos, que o adolescente atravessa a fim de consolidar sua identidade adulta e ser acatado neste outro grupo etário (Cole e Cole, 2003).

Os adolescentes que têm a oportunidade de chegar ao ensino médio são desafiados a definir um projeto de futuro. Eles devem consolidar a um só tempo opções que integram

profissão, formação e emprego, sem dizer as necessárias escolhas afetivas. A velocidade das transformações sociais, as incertezas econômicas globais, os avanços tecnológicos são fatores que contribuem para transformações marcantes no mundo do trabalho na atualidade, tornado as escolhas no campo profissional particularmente difícil para os jovens. Talvez, pela complexidade das escolhas, esta fase é marcada por incertezas e dúvidas, na qual muitos adolescentes se sentem confusos e com dificuldade de estabelecer opções.

Blos (1998) assinala que a profissionalização é o processo mais importante na direção da consolidação dos interesses do ego, na fase final da adolescência. A inquietude, a curiosidade, a criatividade e a espontaneidade precisam ser, nesse momento, canalizadas para uma opção profissional criativa (Moreira, 2001). O modo particular da escolha profissional de cada jovem expressa sua avaliação de passado e presente, criando os meios para as projeções de futuro. Bock e Liebesny (2003) assinalam a interdependência entre o senso de identidade do jovem e seu projeto de futuro, realizando adaptações e traduções pessoais de crenças e valores socialmente estabelecidos.

A identidade ocupacional é definida por Bohoslavsky (1998) e Moreira (2001) como um “momento de um processo que está submetido às mesmas dificuldades da construção de uma identidade pessoal” (Moreira, 2001:195). Ocupação não é somente o que se quer fazer, mas aquilo que se deseja ser – é o fruto de uma relação construída entre o indivíduo e seu contexto sócio-histórico-cultural. Os interesses do adolescente são produtos da interação de uma ampla gama de variáveis, como o meio social, o grupo familiar e as identificações pessoais, não havendo como estabelecer de modo preciso a forma como cada uma contribui na estruturação da identidade ocupacional.

O contexto sociocultural e institucional medeia a relação do jovem com o mundo. Em especial, a família pode exercer grande impacto em sua inclinação profissional, guiando suas escolhas na direção daquilo que converge para as crenças e valores familiares. Conciliar as diferentes expectativas familiares acerca de si culminando em escolhas conscientes é uma grande dificuldade para a maior parte dos jo-

vens.

As mídias também são parte deste cenário. Cotidianamente, exibem ocupações e estilos de vida apresentados como capazes de garantir sem outro esforço sucesso profissional, retorno financeiro e status social diferenciados. Por outro lado, deixam de divulgar informações acerca de papéis profissionais de grande demanda e relevância para a qualidade de vida social.

No que concerne a escola, esta tem representado historicamente uma importante fonte de referência para o adolescente. Quando as políticas educacionais definem como objetivo do Ensino Médio a preparação para o ingresso no Ensino Superior, ignorando as contradições sociais que privam do acesso a este nível de ensino a imensa maioria da população de 18 a 24 anos; ou ainda, ao priorizar determinadas carreiras e estilos de trabalho em detrimento de outros, a escola desestimula adolescentes e jovens a buscarem alternativas ocupacionais criativas e inovadoras.

Ponderando entre as informações confluentes da família, da realidade social e da escola sobre o mundo do trabalho e, tendo em conta suas especificidades desenvolvimentais, o adolescente delinea perspectivas, criando um cenário de futuro, do qual a formação universitária e a vida profissional são partes importantes.

Entretanto, as variáveis de ordem subjetiva e psicossociais não são as únicas a interferir nas escolhas e a definir condições para a realização profissional. Variáveis macrossociais igualmente afetam as condições de ingresso do jovem na universidade. Sabe-se que em função da alta defasagem idade-série que caracteriza a carreira escolar dos estudantes brasileiros, a conclusão do ensino fundamental requer, para a maioria deles, cerca de 11 anos de escolarização. Porém o censo escolar do IBGE de 2000 demonstra que a média de permanência do brasileiro na escola é de 7,1 anos. Assim, infere-se que o adolescente típico deixe a escola sem concluir o ensino médio, ficando impedido de ingressar na universidade e insuficientemente qualificado para concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, considerando-se as altas exigências de formação educacional advindas daí. O que lhe resta é o trabalho temporário, sub-remunerado e não regulamentado, ou

o envolvimento em modalidades de trabalho informal ou ilegal, qualquer um dos quais o mantém à margem do sistema social, sem garantia de direitos como trabalhador.

Dessa forma, o acesso e a permanência no ensino superior, ao longo das décadas, se mantêm bastante elitizados, principalmente nas universidades públicas. Conforme discutido por Maia (1989), isso ocorre porque os alunos provenientes das camadas populares não recebem da escola condições de competir por vagas no sistema público de ensino superior, em igualdade com os das camadas altas. Ademais, encontram-se privados do acesso a muitos dos saberes e práticas que os das camadas altas detêm, tais como: computação, língua estrangeira, atividades desportivas, fatos que ampliam o fosso entre os dois grupamentos sociais. Desta forma, o sucesso dos jovens que alcançam a universidade pública, embora apresentado como mérito acadêmico e intelectual, é, na verdade, determinado sócio-economicamente (Santos, 1998).

O trabalho de Günther e Günther (1998) sobre as perspectivas de futuro de jovens de Brasília corrobora as reflexões acima, apontando que os que são provenientes de escolas particulares têm melhores expectativas quanto ao futuro. Conforme eles, “a percepção de acesso às futuras oportunidades são mediadas pelo ambiente social mais amplo” (p. 204). Para os alunos de escola pública, o ambiente social dos não tem sido favorável ao ingresso na universidade e no mercado de trabalho. Estudar não tem representado a porta de acesso a uma vida de melhor qualidade para esses jovens que, mesmo quando conseguem ultrapassar o gargalo do acesso, não se sustentam no sistema, dadas as características da jornada acadêmica universitária que impossibilita a conciliação com o trabalho.

Considerando a complexidade do panorama em que se inserem os processos de escolha e inserção no trabalho, o presente trabalho buscou investigar as perspectivas de futuro de adolescentes de diferentes inserções sociais da cidade de Brasília.

O objetivo da investigação foi identificar as perspectivas dos participantes acerca dos seguintes eixos temáticos: (1) sentimentos e concepções em relação ao futuro; (2) ingresso

na universidade; (3) relacionamentos afetivos; (4) emprego, profissão e carreira; (5) situação brasileira e tendências atuais; (6) diferenças escola/universidade e escola/trabalho.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa, 48 adolescentes de ambos os sexos (25 do sexo feminino e 23 do sexo masculino), estudantes do terceiro ano do ensino médio de quatro escolas do Distrito Federal, categorizados como grupo A. Suas idades variavam entre 16 e 21 anos (média de 17 anos) e nove participantes conciliavam escola e trabalho. Estando prestes a finalizar a educação básica e, por princípio, no auge das reflexões sobre os cenários futuros, temas como vestibular, carreira, futuro profissional, estariam no centro de suas preocupações e interesse.

Três variáveis foram levadas em conta: sistema educacional (rede pública ou privada); localização da escola (Plano Piloto ou Satélite); e, gênero.

Instrumento

Foi elaborado para o estudo um questionário, cuja primeira parte compunha-se de dados de identificação quanto ao sexo, idade, se trabalhador ou não, e ao sistema de ensino da escola (público ou privado). Na seqüência, 36 proposições assertivas, dotadas de três possibilidades de resposta: “concordo”, “concordo parcialmente” e “discordo”, na forma de escala Lickert de três pontos (Anexo 1). Ao fim de cada proposição, havia um campo para comentários complementares, bem como ao final, outro campo para comentários e apreciações gerais sobre os tópicos enfocados e o próprio instrumento.

Procedimentos de coleta e análise dos dados

Nas análises, os sujeitos foram agrupados de acordo com as escolas de origem. Assim, o grupo A refere-se à escola pública de Brasília - Asa Sul (região de classe média alta e alta do DF), o grupo B, à escola particular de Brasília. O grupo C refere-se à escola pública de Taguatinga, cidade-satélite (de classe média e média baixa) e o grupo D à escola particular da mesma cidade-satélite. A opção por escolas

favorecer o contraste entre perspectivas de futuro mediadas por contextos socioculturais e econômicos distintos.

Os questionários foram aplicados nas salas de aulas, pelos próprios pesquisadores, nos grupos A e B, e pelos coordenadores de turno das escolas, nos grupos C e D. As turmas participantes foram indicadas pela administração de cada escola, sendo esclarecido que a participação individual era voluntária. O tempo utilizado para o preenchimento do questionário foi de 30 minutos, em média.

As análises envolveram estratégias de pesquisa quantitativa e qualitativa. As repostas ao questionário foram, primeiramente, categorizadas em positivas, negativas e parcialmente, levando-se em conta o núcleo temático subjacente à assertiva. Como cada eixo temático foi expresso no instrumento por meio de proposições apontando perspectivas positivas ou negativas, adotou-se como estratégia de análise, a fim de homogeneizar os dados, a inversão de pontos (de concordância para discordância) para as proposições apresentando perspectivas negativas, a saber: 1, 4, 5, 9, 14, 15, 16, 17, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 33 e 35.

A análise qualitativa tomou como base os comentários pensados às proposições. Foram categorizados, de forma a qualificar as particularidades subjetivas de cada participante e dos grupos em relação aos temas presentes no instrumento. O comentário final não foi objeto de análise específica.

Resultados

(a) Análise estatística das repostas ao questionário.

Na Figura 1 está representada a porcentagem total de repostas para cada eixo temático. Tomando-se o total de repostas dos sujeitos às proposições, temos que a maioria das repostas foi positiva, em relação aos tópicos em análise no instrumento, o que significa a predominância nas perspectivas de um horizonte de futuro favorável. O eixo 4 recebeu a maior porcentagem de repostas positivas e o eixo 6, a menor, o que evidencia que os jovens possuem muitas expectativas quanto ao futuro emprego (eixo 4), contudo, temem as diferenças entre o contexto escolar e os futuros contextos de convivência ainda não conhecidos

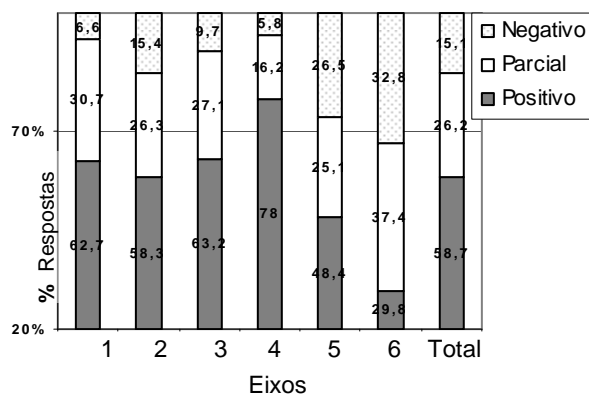


Figura 1. Porcentagem de respostas em cada eixo e no total de respostas ao instrumento para todos os grupos.

Observa-se que cada eixo obteve porcentagens muito próximas de respostas do tipo “concordo parcialmente”, a média sendo de 26,1%. A exceção é representada pelo eixo 4, com frequência significativamente menor e eixo 6, significativamente maior.

Da mesma forma, observa-se que, para todos os eixos temáticos, à exceção do eixo 5 e do eixo 6, a porcentagem de respostas parcialmente favoráveis foi superior a de negativas, fato que pode se dever tanto a variáveis do próprio instrumento (clareza das proposições, condições de aplicação etc.) quanto pode indicar as condições concretas em que os participantes chegam ao fim do ensino médio, sem clareza acerca de aspectos centrais de seu futuro próximo. Note-se que a exceção mais aguda refere-se, justamente, ao eixo 6, referente às diferenças entre os contextos escolar e universidade/trabalho, tema cercado de dúvidas e incertezas para os participantes, assim, como é para grande parte dos jovens contemporâneos.

A Figura 2 apresenta a porcentagem de respostas separada por eixo e por grupo. Comparando-se os grupos, observa-se que o grupo C foi o que apresentou maior porcentagem de repostas negativas para todos os eixos. O eixo 4 foi o que obteve maior porcentagem respostas positivas, o que se deu de modo homogêneo entre os grupos. Analisando-se a tendência geral em responder positivamente às proposições comparativamente à baixa incidência de respostas positivas nos eixos 5 e 6, os que mais diretamente dirigem a reflexão para o futuro, infere-se que os participantes parecem compar-

tilhar perspectivas nebulosas acerca do futuro global e profissional, a despeito do otimismo que vigora em relação aos demais eixos temáticos.

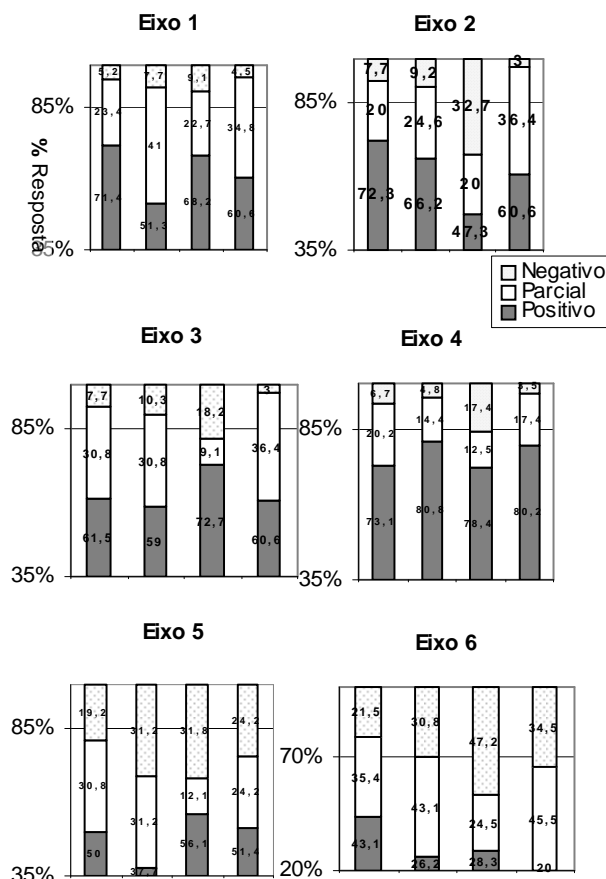


Figura 2. Porcentagem de respostas em cada eixo para cada grupo (A – particular de Brasília; B – pública de Brasília; C – particular da Cidade Satélite; D – pública da Cidade Satélite).

Na Figura 3 estão representadas as porcentagens de repostas em cada eixo por gênero, independentemente do grupo.

Embora a tendência geral seja de respostas positivas, quando se procede à separação por gênero, observa-se que as meninas apresentaram porcentagem discretamente maior de repostas negativas que os meninos, para todos os eixos temáticos, à exceção do eixo 3, que se refere a relacionamentos afetivos. Essa diferença, que se apresenta de modo bastante homogêneo para os diferentes eixos temáticos, pode estar expressando diferenças sutis, porém significativas, quanto às concepções das mulheres

acerca de seu lugar na vida produtiva e universidade.

Os dados foram submetidos a uma análise estatística do tipo Quiquadrado para verificação de diferenças significativas entre grupos e quanto ao gênero.

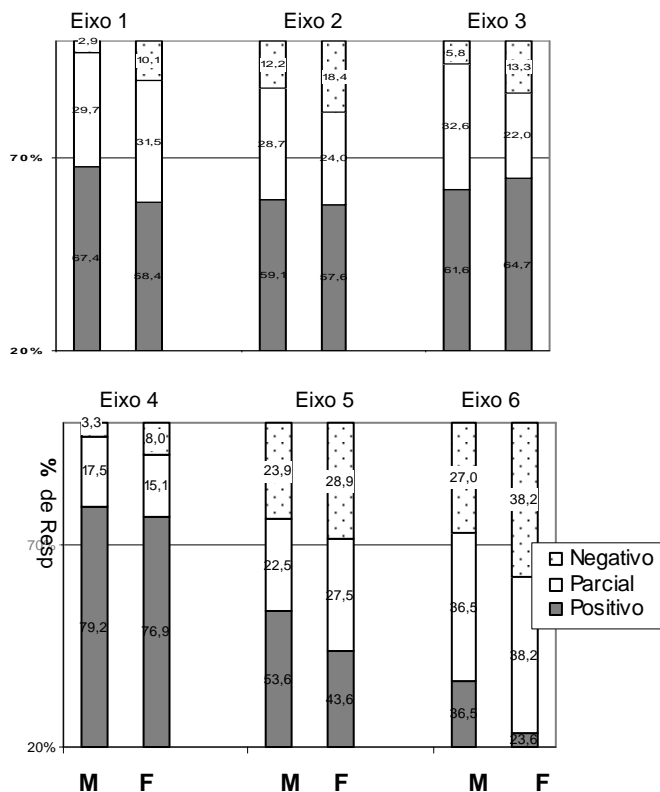


Figura 3. Porcentagem de respostas em cada eixo por gênero (M – masculino; F – feminino).

Eixo 1 – Sentimentos e emoções em relação ao futuro

De acordo com a Figura 1, a maioria das respostas foi positiva à temática desse eixo, tendo em conta que o percentual de respostas negativas nesse caso é de apenas 6,7%. Conforme a Fig. 2, os grupos A e C deram mais respostas positivas às proposições do eixo em questão do que os grupos B e D, o que chama atenção para o fato de que os alunos das escolas públicas (A e C) e privadas (B e D) se aproximaram quanto às concepções em relação ao futuro. Quanto às respostas negativas, o grupo C foi o que apresentou maior porcentagem, seguido do grupo B. Entretanto, essas diferenças não foram estatisticamente significativas ($X^2 = 10,13$).

As diferenças quanto ao gênero foram estatisticamente significativas ($X^2 = 6,57$; $p =$

0,05). Como pode ser observado na Fig. 3, o grupo Feminino obteve maior porcentagem de respostas negativas do que o grupo Masculino.

Eixo 2 – Expectativas quanto ao ingresso em uma universidade/faculdade

Conforme representado na Figura 1, a maioria das respostas a esse eixo foi positiva. Entretanto, esse resultado não reflete as diferenças entre os grupos que a análise estatística do quiquadrado revelou serem significativas ($X^2 = 27,82$; $p = 0,01$). Como mostra a Figura 2, os grupos A e B (escolas de Brasília) apresentaram maior porcentagem de respostas positivas, enquanto os grupos C e D destacaram-se por apresentar porcentagens altas de respostas negativas ou parciais, respectivamente. Esses dados podem refletir a percepção dos alunos da cidade satélite de menores chances de acesso a uma universidade/faculdade.

Os grupos Feminino e Masculino apresentaram valores semelhantes de respostas positivas (conforme Figura 3), sendo que o grupo Feminino foi ligeiramente mais negativo que o Masculino, embora as diferenças não tenham sido estatisticamente significativas ($X^2 = 2,03$).

Eixo 3 – Expectativas quanto aos futuros relacionamentos afetivos

De acordo com a Figura 1, este foi o segundo eixo com a maior porcentagem de respostas positivas. As diferenças entre os grupos foram significativas ($X^2 = 20,3$, $p = 0,01$). Segundo a Fig. 2, o grupo C apresentou a maior porcentagem de respostas positivas enquanto os demais grupos obtiveram níveis semelhantes.

Como apresentado na Figura 3, a porcentagem de respostas negativas foi maior para o grupo Feminino do que para o grupo Masculino e as diferenças entre esses dois grupos foram estatisticamente significativas ($X^2 = 7,29$; $p = 0,05$). Esses dados parecem indicar que, embora as adolescentes e os adolescentes apresentem-se bastante positivos em relação aos relacionamentos afetivos, co-existe a ambigüidade, revelada pelas respostas parciais dos adolescentes e negativas das meninas.

Eixo 4 – Expectativas quanto a emprego, profissão e carreira

Esse eixo foi o que recebeu maior porcentagem de respostas positivas e a menor por-

centagem de respostas negativas, conforme representado na Figura 1. Esse resultado pode indicar que os adolescentes possuem perspectivas positivas quanto à sua inserção no mundo do trabalho. Todos os grupos obtiveram quantidades semelhantes de respostas positivas, como pode ser observado na Figura 2. O grupo C obteve a maior porcentagem de respostas negativas. As diferenças entre os grupos (Figura 2) e entre gênero (Figura 3) não foram significativas ($X^2= 5,16$ e $X^2= 4,16$, respectivamente).

Segundo a Figura 3, os resultados obtidos para os grupos Masculino e Feminino foram semelhantes, com exceção das respostas negativas, onde o grupo Feminino apresentou uma porcentagem ligeiramente superior ao Masculino.

Eixo 5 – Expectativas quanto ao futuro global

Conforme a Figura 1, esse foi o eixo que recebeu uma das menores porcentagens de respostas positivas e maiores de respostas negativas. Esse dado conforme já havia sido apontado anteriormente parece indicar que os jovens percebem de forma diferenciada o futuro quando isto se refere ao contexto mais amplo, do que quando buscam avaliar seu próprio futuro. Como se pode observar na Figura 2, a porcentagem de respostas positivas foi similar para os diferentes grupos à exceção do grupo B que obteve 37,7%. O índice de respostas negativas foi alto comparado aos demais eixos temáticos, menor apenas que o eixo 6.

Na Figura 3, observa-se que o grupo Feminino apresentou menor porcentagem de respostas positivas que o grupo Masculino. As diferenças entre os grupos e gênero não foram estatisticamente significativas ($X^2= 12,41$ e $X^2= 2,87$, respectivamente).

Eixo 6 – Diferenças entre escola/universidade e escola/trabalho

Esse eixo recebeu a menor porcentagem de respostas positivas e a maior de negativas, tal como na Figura 1. A temática desse eixo, referente às mudanças parece estar em contato com o receio dos adolescentes quanto às possíveis dificuldades que ainda irão encontrar para alcançar suas metas. Segundo a Figura 2, o grupo A destacou-se por apresentar a maior porcentagem de respostas positivas e o grupo C de respostas negativas, diferenças que foram

estatisticamente significativas ($X^2= 15,88$, $p=.05$)

Na Figura 3, observa-se que o grupo Feminino apresentou mais respostas negativas e menos respostas positivas que o grupo Masculino, contudo essas diferenças não foram estatisticamente significativas ($X^2=5,68$).

(b) Análise qualitativa dos comentários às proposições do questionário.

Considerando o conjunto dos participantes, obteve-se um total de 521 comentários a pensados às 36 proposições. Uma vez que tais comentários, sendo de livre expressão, ultrapassaram o conteúdo específico das proposições, foram agrupados em quatro outras categorias, conforme seu tema.

Categoria 1 - Sentimentos positivos e otimistas em relação ao futuro

Nesta categoria foram incluídos os comentários expressando confiança; otimismo em relação ao futuro pessoal e/ou do Brasil; felicidade, sentimento de liberdade de escolha, responsabilidade e igualdade entre os gêneros. Da mesma forma, foram incluídos os que expressaram autoconfiança; ênfase na própria ação para almejar mudanças futuras e confiança na adaptação positiva às novas situações da vida. O somatório dos questionários resultou em $n= 149$ (28,6%) comentários associados a esta categoria, superado apenas pela categoria 4.

Nesta mesma categoria, ambos os gêneros apresentaram frequências semelhantes de comentários positivos, sendo que as adolescentes apresentaram frequência de comentários permeados de otimismo e confiança ($n= 23$) ligeiramente superior a dos adolescentes ($n= 16$).

Comparando-se as diferentes escolas, a menor frequência de comentários encontra-se entre as do grupo A. Esse fato parece refletir as diferenças no procedimento de aplicação dos questionários, uma vez que diferenças semelhantes não foram encontradas na análise das respostas aos itens (eixo 1).

Categoria 2 – Sentimentos negativos em relação ao futuro

Estão categorizados aqui comentários que expressaram insegurança, medo, supervalorização dos obstáculos, pessimismo, indecisão frente à escolha profissional e preocupação

com os rumos da situação brasileira. Comentários expressando dificuldade de adaptação às novas demandas surgidas com a conclusão do ensino médio, bem como expressões de indiferença quanto ao futuro, foram também incluídos nesse eixo temático. Computou-se 99 (19%) comentários, sendo esta a categoria menos freqüente dentre os quatro grupos.

Nessa categoria, temos o predomínio de comentários das adolescentes (n= 57) em relação aos adolescentes (n=42), indicando que as meninas apresentam-se mais pessimistas e temerosas, marcadas pela indecisão profissional e com maiores dificuldades na adaptação às futuras mudanças.

Para todos os grupos, essa foi a categoria com menor incidência de comentários. Quanto às diferenças entre os grupos, temos uma menor ocorrência de comentários nos grupos A e C do que entre os dos grupos B e D. Nesses dois grupos, predominaram comentários associados à insegurança e ao pessimismo (n= 16 e n= 13, respectivamente) contra apenas n= 6 para os dois outros grupos. Também expressaram mais descrédito quanto ao futuro do país (n= 11 e 8, respectivamente).

Categoria 3 – Relação com o outro

Nesta categoria foram incluídos os comentários referentes ao universo relacional dos participantes, relações sócio-afetivas com cônjuges, amigos ou familiares. Foram categorizados n= 117 (22,4%) comentários, tornando essa terceira categoria mais freqüente. Referências positivas à necessidade de outrem, de partilhar afetivamente suas expectativas e de constituir família foram aqui incluídas, assim como comentários a respeito da preservação das amizades de escola. Da mesma forma, sentimentos negativos surgidos da eventual competição entre colegas, da carência de amigos com quem se possa conversar sobre o futuro e da pressão quanto às decisões a serem tomadas. A diferença entre os grupos Feminino e Masculino foi ligeiramente mais acentuada em relação a essa categoria, o primeiro apresentando uma maior freqüência de comentários (n= 69) do que o segundo (n= 48). As adolescentes expressaram mais a sua necessidade do outro e da família do que os meninos. Também elas referiram mais à competição e à falta de amizade (n= 11) do

que eles (n= 5).

Entre os grupos, o grupo C foi o que obteve menor incidência de comentários nessa categoria. O grupo D, por outro lado, foi aquele em que predominaram os comentários sobre as relações com o outro no (n= 15). Os grupos B e D apresentaram mais comentários referindo-se à família, à necessidade do outro e ao desejo de querer partilhar suas expectativas.

Categoria 4 – Formação profissional

Essa foi a categoria que recebeu o maior número de comentários (n= 156; 30%). Aqui foram incluídos os que remetem à identificação com o trabalho ou profissão almejados e ao desejo de prosseguir a carreira acadêmica. Referências à preocupação com o exame vestibular, ingresso na universidade e à indecisão sobre o futuro curso também foram incluídas, assim como às exigências do mercado de trabalho.

Conforme mostra a Figura 3, as meninas obtiveram uma freqüência quase duas vezes maior do que àquela encontrada entre os adolescentes. As meninas mostraram-se mais preocupadas em ter um emprego no qual encontrassem realização pessoal, também expressaram maior preocupação com o vestibular, formação profissional e exigências do mercado, temas que receberam menor atenção no grupo Masculino. Para todos os grupos essa foi a categoria mais comentada, à exceção do grupo C que obteve maior freqüência de comentários na categoria 1. Todos apresentaram preocupações semelhantes nessa categoria

Discussão

É interessante notar que, a despeito das dificuldades apontadas de modo mais explícito nos comentários, a maioria dos participantes foi otimista em relação ao objeto da investigação, demonstrando confiança no futuro e motivação o alcance de metas, o que é expresso nos comentários de quase todos os questionários tabulados (categoria 1) e nas análises do eixo temático 1.

Não houve diferenças significativas entre os grupos, contudo, encontrou-se menor freqüência de respostas positivas entre os alunos da rede privada (grupos B e D). Ao mesmo tempo, estes dois grupos foram os mais reti-

-centes quanto ao futuro, revelando sentirem-se pressionados na tomada de decisões acertadas. Em especial, o grupo B apresentou alta frequência de respostas referindo-se às angústias a respeito do futuro (categoria 2). Tudo leva a crer que os adolescentes da escola privada de Brasília, pertencentes às camadas sociais onde é mais intensa a pressão por resultados, estejam expressando nas respostas ao instrumento sentimentos de angústia e baixa autoconfiança quanto ao alcance de metas acadêmicas. Também nos grupos A e C (das escolas públicas), os adolescentes expressaram sentimentos ambíguos, representados nos 102 comentários de conteúdo negativo (categoria 2).

Os integrantes do grupo B também se destacaram aqui, sendo os que mais expressaram nos comentários sentimentos relativos à insegurança, medo, indecisão profissional e pessimismo quanto à situação brasileira. Esses comentários corroboram os resultados encontrados para os eixos temáticos 1 e 5.

A análise das categorias 1 e 2 parece demonstrar que embora os adolescentes sejam bastante otimistas no campo das virtualidades, ao confrontarem suas metas e sonhos com as exigências e dificuldades da realidade, são tomados sentimentos negativos como indecisão, insegurança ou medo.

Aspecto saliente nos dados e que solicita atenção refere-se às diferenças quanto ao gênero. As adolescentes apresentaram maior incidência de repostas negativas em todos os eixos temáticos. Apresentaram-se mais angustiadas (eixo temático 1; categoria 2), com sentimentos mais ambíguos acerca do futuro, revelados em respostas de concordância parcial e em comentários que expuseram seus sentimentos negativos.

Três eixos temáticos abordaram a relação escola-universidade-trabalho. Os resultados parecem expressar não somente a naturalização da transição da escola à universidade, em detrimento da opção pelo trabalho, como também uma expectativa bastante positiva quanto a oportunidade do ingresso na universidade. As pequenas diferenças existentes entre os grupos foram mais significativas entre os alunos do Plano Piloto (grupos A e B) e os da cidade-satélite (grupos C e D).

O grupo C foi o que apresentou maior porcen-

tagem de respostas negativas e o grupo D de concordância parcial evidenciando que os adolescentes de mais baixa renda da cidade-satélite mostraram-se mais indefinidos quanto à escolha de uma profissão e associaram à universidade mais aspectos negativos.

Analisando-se os comentários associados à categoria 4 (concernente à formação profissional), o grupo C foi o mais preocupado. Isto leva a crer que para os estudantes do grupo C a qualificação profissional é tida como o meio de acesso a uma atividade remunerada, consoante ou não com suas preferências pessoais e que a Universidade constitui uma meta que, embora valorizada, é vista como inalcançável.

Desde que, historicamente, os investimentos na qualidade da educação básica pública brasileira foram sendo reduzidos, foi-se ampliando o fosso que separa os estudantes das camadas populares do acesso à Universidade. O comentário seguinte resume perfeitamente esta contradição: “Por que os ‘filhinhos de papai’ têm mais chance de entrar no ensino superior, do que os outros, de pouca renda familiar?” (17, masc., grupo B). Isto tem sido objeto de atenção e de ações muito recentes do governo federal, visando a inclusão das camadas populares brasileiras no ensino superior, por meio de programas de ocupação de vagas ociosas das universidades privadas com financiamento público.

Em relação ao grupo B, houve grande número de comentários relacionados ao Vestibular. Para este grupo, o mais privilegiado economicamente, o ensino superior é uma extensão natural do ensino médio, justificando o foco de suas preocupações centrarem-se naquele concurso. Ao mesmo tempo, é o grupo mais afetado pelo fenômeno do prolongamento da adolescência, que permite o prolongamento da carreira escolar e o adiamento da inserção no mundo do trabalho, opções não facultadas a todos os adolescentes e jovens. Para este grupo, e em alguma medida também o grupo D, os comentários positivos ao eixo temático quatro (concernente a trabalho e profissão) não transparecem os mesmos significados que para os grupos A e C.

Para os primeiros, o trabalho não é uma questão de urgência, mas algo pelo que se bus-

ca realização pessoal e financeira. Mostram-se sensíveis às exigências do mundo contemporâneo, buscando formação complementar à escola e mantendo-se em constante atualização de conhecimentos.

Alguns dos resultados encontrados neste estudo, em especial para o eixo temático 4, são diferentes daqueles encontrados por Magro (1998). Ele pesquisou adolescentes de 13 a 18 anos do Rio de Janeiro e seus resultados identificaram neles pouca preocupação em elaborar projetos futuros, grande necessidade de curtir a vida e o foco de sua atenção no presente, evitando pensar em responsabilidades e compromissos. Os adolescentes investigados no presente estudo, diferentemente, apesar de também manifestarem indecisão, encontram-se mais envolvidos na elaboração de metas e planos e mais confiantes na possibilidade de concretizá-los.

Entre estes planos, destacam-se aqueles relativos a formação profissional, o que talvez justifique a maior concentração de comentários na categoria 4, com referências a cursos e carreiras, bem como à necessidade de formação complementar. A ênfase dada a essa categoria expressa também a tensão causada entre os jovens pelas incertezas do mercado de trabalho numa sociedade em rápida transformação, pressionada pelas novas tecnologias bem como pelas exigências da economia globalizada.

As comparações entre os universos da escola, da universidade e do trabalho (eixo 6) motivaram muitas respostas de conteúdo negativo. A percepção das diferenças entre esse ambiente tão familiar aos adolescentes, que é a escola, e os novos centros de convívio ainda pouco conhecidos - dos quais o jovem ouve falar, mas dos quais não tem experiência concreta - parece constituir fonte de angústia, expressa em comentários que associam à universidade um ambiente hostil e competitivo, onde tudo é mais difícil que na escola. Os participantes parecem viver na tensão de não saber o que os aguarda no futuro, razão pela qual expressam medo e insegurança. Nesse caso, também, entre as jovens houve maior incidência de comentários negativos de que entre os jovens, assim como elas apresentaram maior frequência de repostas negativas no eixo temático 6.

A temática do eixo 5 encorajava os ado-

lescentes à reflexão sobre o futuro global e a situação brasileira. Cerca de metade das repostas foi positiva, ao mesmo tempo em que este foi o segundo eixo temático com maior ocorrência de respostas negativas. O contexto social e político do Brasil foi visto com esperança por alguns e desilusão por outros, e tido como objeto de críticas e de comentários marcados por sentimentos ambivalentes. Entretanto, o tom crítico não foi acompanhado por uma fundamentação ou argumentação, o que vem em apoio à visão de que o jovem contemporâneo nutre um menor envolvimento com a crítica e com projetos de transformação social, que gerações anteriores.

O último núcleo temático abordado referiu-se aos futuros relacionamentos afetivos que constitui o tópico do eixo 3 e da categoria 3. A maioria dos adolescentes dessa amostra possui expectativas positivas quanto aos futuros relacionamentos afetivos, ou seja, a maior parte encara positivamente o estabelecimento de relacionamentos estáveis, a constituição de família e a preservação das amizades, com a saída da escola de ensino médio. A família se apresentou como um valor muito estimado pelos jovens, sendo que tanto meninos quanto meninas mostraram preocupações semelhantes quanto à constituição de família. Esse resultado confere com os obtidos em outros estudos referidos pela literatura. Günther (1993) assinala que, a adoção de papéis adulta na nossa cultura é demarcada pela saída da escola, mudança da casa dos pais e constituição de família. Participantes de ambos os sexos falaram em casamento, na sua expectativa de encontrar um companheiro e colocaram esse fator como necessário ao alcance da felicidade, que foi fortemente associada ao fato de se estar junto de alguém de que se goste, como pode ser observado nos comentários que se seguem: “eu penso em namoro e casamento” (16, masc., B); “acho que a felicidade completa está quando você tem uma pessoa que goste ao seu lado” (17, masc., A); “preciso de alguém pra compartilhar minha vida” (16, masc., D); “o futuro de “quase” todos os seres humanos é casar e constituir família” (18, fem., C).

O objetivo desse trabalho foi ouvir o que os adolescentes de diferentes inserções tinham a dizer quanto a suas perspectivas de futuro,

seus planos, desejos e valores na transição do ensino médio para a universidade ou trabalho, considerado um dos indicadores para a condição adulta. Essa proposta foi recebida com bastante entusiasmo, como explicitam os comentários à questão aberta do questionário, transcritos a seguir: “gostei dessa iniciativa de querer saber o que pensamos. Nossos medos e nossas metas” (17, fem., A); “achei o questionário bem legal, ele conseguiu abordar vários assuntos, porém sempre relacionados à universidade. Achei legal” (17, masc., B); “gostei muito desse questionário, pois me ajudou a pensar mais ainda no meu futuro...” (21, fem., C); “acho que vocês deveriam ter dado mais tempo de antecedência para nós fazermos, ou seja, ter entregado antes e dado um prazo de 3 dias para preencher (...) Vocês deveriam ter desenvolvido esses temas um pouco mais, com textos. Após a entrega disto deveriam dar conselho em forma de texto para quem fez.” (17 anos, masc., D).

Esses comentários assinalam clara demanda dos participantes por formas mais efetivas de orientação educacional e para o trabalho. Há lacunas e necessidade de sanar dúvidas, inseguranças e incertezas tanto no nível da escolha profissional, como do mundo trabalho e dos relacionamentos afetivos. A transição marcada pelo encerramento do ensino médio, enfrentamento do vestibular e expectativa de absorção pelo ensino superior exerce enorme pressão sobre o jovem, freqüentemente acompanhada pelo medo do fracasso ou das consequências de escolhas mal sucedidas. Os participantes expressam, ainda, a angústia frente ao caráter excludente do modelo de seleção ao ensino superior: “Quanto ao ingresso na universidade, acho que o processo poderia ser mais justo, levando em conta o tempo de estudo e o desempenho do aluno no decorrer da carreira estudantil (currículo escolar). Pois as condições do vestibular levam a uma pressão muito grande, desfavorecendo, muitas vezes, pessoas capacitadas”. (16, masc., A); “Vestibular – é o único ‘bicho-papão’ que me atormenta realizar meu sonho. Mas mesmo assim não desisto! O futuro nada mais é que tudo aquilo, que fazemos ‘aqui’, no presente” (17 anos, fem., C).

Conclui-se, assim, que os participantes

não vivem, ao contrário do que preza o senso comum, atados ao presente. Eles demonstram, como buscamos evidenciar nas análises, um conjunto de expectativas coerentes em relação ao futuro pessoal e profissional. Os resultados indicam que os jovens desejam ingressar no ensino superior, inserir-se no mundo do trabalho por meio de atividades que tragam satisfação pessoal e têm como meta a constituição de família. Ademais, é importante salientar que nos diferentes contextos socioeconômicos identificaram-se diferenças significativas quanto às perspectivas de futuro dos jovens da amostra. Porém, apesar das diferenças encontradas, sentimentos de angústia, dúvida e indecisão foram compartilhados entre os grupos, assim como a demanda por espaços e oportunidades de discussão sobre o futuro. Nesse sentido, é importante que as escolas abram espaço para o amplo debate acerca dos temas investigados nesse estudo, criando programas que ouçam e acolham a angústia dos adolescentes, sanando dúvidas e inclusive, tanto quanto possível, enfrentando, ainda no ensino médio, parte dos problemas estruturais que definem, antes e de fora, condições desiguais de acesso ao ensino superior e ao mundo do trabalho, para os adolescentes e jovens de diferentes inserções de classe social.

Referências bibliográficas

- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bock, A. M. B. e Liebesny, B (2003). Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. Em S. Ozella (Org), *Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 205 -222). São Paulo: Cortes.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. (9 ed) São Paulo: Martins Fontes.
- Cárdenas, C. J. (2000). *Adolescendo: um estudo sobre a constituição da identidade do adolescente no âmbito da escola*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- Cole, M. e Cole, S (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Erikson, E. H. (1987). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: LTC.
- Günther, I. A. e Günther, H. (1998). Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, 2 -15.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: www.ibge.gov.br.
- Levisky, D. L.(1995). *Adolescência – Reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2004). O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade. Em *Curso de prevenção do uso indevido de drogas para educadores de escolas públicas*. Brasília: MEC/SENAD/UnB.
- Maia, A. S. (1989). Acesso à Universidade. *Educação Brasileira*, 11 (22), 93-97.
- Moreira, F. R. (2001). Escolha profissional: um desafio possível. Em C. Weinberg (Org), *Geração delivery – adolecer no mundo atual* (pp. 193-205). São Paulo: Sá.
- Moreira, F. R. (2001). Escolha profissional: um desafio possível. Em C. Weinberg (Org), *Geração delivery – adolecer no mundo atual* (pp. 193-205). São Paulo: Sá.
- Oliveira, D. C. (2001). Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 6 (2), 245-258.
- Quapper, K. D. (2001). Juventud ou juventuds? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. Em S. D. Burak (Org.). *Adolescencia y juventud en la America Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional.
- Santos, C. M. (1998). O acesso ao ensino superior no Brasil: A questão da elitização. *Avaliação das políticas públicas em educação*, 6 (19), 237-258.
- Santrock, J. (2003). *Adolescência*. Rio de Janeiro: LTC.

Enviado em Novembro / 2003
Aceite final Março / 2005